

Recursos materiais e recursos psíquicos em escassez

Ensaio sobre a interlocução entre a teoria freudiana e a obra 'Escassez' de Sendhil Mullainathan e Eldar Shafir

Jaques Cohen

Trabalho para conclusão do primeiro ano do curso Conflito e Sintoma no Instituto Sedes Sapientiae

1. *Escassez* e a psicanálise

O objetivo primeiro desse texto é traçar paralelos e divergências entre a psicanálise e a teoria abordada no livro *Escassez* de Eldar Shafir e Sendhil Mullainathan.

Escassez se insere na intersecção das áreas da Economia e da Psicologia. Embora chegue a mencionar Freud ao fazer menção ao inconsciente, não fala do mesmo como instância psíquica ou substantivo, podendo, portanto, ser melhor enquadrada como uma teoria cognitivista. Ainda assim, rica em seus possíveis paralelos com a psicanálise.

Na interlocução das abordagens espero seguir duas linhas principais e mostrar:

1. Que o olhar destes autores pode dialogar com a psicanálise em espectro amplo, à medida que não aborda apenas a escassez financeira;
2. Que o olhar da psicanálise pode enriquecer e aprofundar a teoria de Eldar e Sendhil, trazendo novos componentes e particularidades para falar a respeito da escassez material.

Dessa forma, esse trabalho não se atém apenas a entender *Escassez* pelos pressupostos da psicanálise, mas segue uma via de mão dupla. Busca, então, mostrar outros tipos de escassez, que não foram destacados na obra, assim como elaborar em cima de algumas conclusões às quais os autores chegam.

2. Abordagem na obra *Escassez*

O objeto de estudo do livro é o funcionamento psíquico e comportamental do ser humano em situação de escassez de recursos.

A partir deste ponto cabe definir o que são recursos e o que é escassez.

Recursos econômicos podem ser definidos como meios materiais ou imateriais usados para produção de bens e serviços. Mas para além do universo econômico, a palavra recursos tem sua etimologia no latim - *recursus* – e remete a criação de um novo caminho.

Quanto a escassez, podemos nos ater à definição dos autores que seria a de “*ter menos do que deseja*”. É importante, no entanto, fazer a ressalva de que *desejo* não é utilizada pelos autores em sua definição psicanalítica, podendo por vezes ser equivalente à *vontade* ou *necessidade*.

Ou seja, não se trata sempre de buscar o retorno à percepção de satisfação de uma experiência. Nem necessariamente de uma representação ligada à pulsão. Nessa concepção mais genérica, desejo abarcaria até puras exigências de instinto, antes mesmo de que sirvam de apoio à pulsão.

Também vale a ressalva de que não se pode ignorar as diferentes gradações de escassez ao falar sobre o impacto destas na psique humana. Um dos principais objetivos dos autores é fornecer insights para políticas voltadas a população em situação de

pobreza material. Nesse universo não se pode, por exemplo, tratar como equivalentes o sentimento de ter menos supérfluos do que deseja ao sentimento de ter menos capacidade de colocar comida na mesa.

Definidos escassez e recursos, os autores nos transportam para diversas situações de escassez antes de colocar o foco na escassez financeira em si: escassez de calorias em uma dieta, escassez de laços sociais, escassez de tempo. Neste percurso, encontram pontos de conexão que tecem e dão liga à construção de uma teoria.

Eldar e Sendhil sugerem que a escassez captura a mente e reforçam que a palavra **capturar** é essencial para o entendimento da psique nesse estado. Assim, a escassez se impõem, com suas decorrências, de forma inequívoca e involuntária, em níveis consciente e inconsciente. Não é demais retomar, que inconsciente, aqui, não tem necessariamente conotação freudiana e psicanalítica.

3. A escassez na psicanálise

Ao vincular a definição de *recursos* a meios imateriais e a criação de novos caminhos, podemos entender um dos porquês da interlocução entre a obra em questão e a psicanálise. Isso se dá a medida em que passa a ser possível enxergar os mecanismos psíquicos de um indivíduo e suas subjetividades como recursos. O afeto, por exemplo, é um recurso que nos permite criar relações. Sem ele, o universo do indivíduo se restringe e suas possibilidades se limitam.

Também as capacidades de integração do ego são recursos que nos permitem lidar de forma mais saudável com nossos conflitos. A uma psique muito rígida, faltariam recursos - ou saídas menos custosas para os conflitos em que se vê.

Uma histeria, por exemplo, pode ser vista como um sintoma decorrente dessa carência de caminhos e maleabilidade para lidar com a intensidade do conflito que se coloca. Retomaremos essa perspectiva ao longo deste ensaio.

Quanto à escassez, mesmo com a ressalva de não denotar necessariamente um desejo em termos psicanalíticos, a definição de *“ter menos do que deseja”* é um prato cheio para a psicanálise. Freud parte do pressuposto da impossibilidade da realização completa e finita do desejo. Dentro de um contexto psicanalítico, podemos dizer, portanto, que o indivíduo sempre se encontra em estado de escassez.

4. Vantagens da escassez

Ao perpassar diversos tipos de faltas e escassez às quais o indivíduo se vê exposto, Eldar e Sendhil destacam vantagens e desvantagens comuns daquilo que classificam como estado da psique quando capturada pela escassez.

A começar com as benesses. Em um primeiro momento, a escassez nos faz focar na otimização do uso de recursos escassos:

- Uma pessoa com pouco tempo para entregar um trabalho consegue ser mais produtiva na véspera da entrega;

- Uma pessoa com pouco dinheiro tende a ser mais atenta ao preço dos produtos no supermercado;

Nesse sentido, o contexto de escassez pode até favorecer o desenvolvimento de certa expertise: como atalhos de produtividade, pesquisa de preços, formas de relacionar-se com o outro para atingir o que deseja.

Não exatamente nessa mesma linha, Freud tece um comentário um tanto poético em seu ensaio *Sobre a Transitoriedade*, de 1915: “O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição”.

Neste ensaio, Freud vem falando da finitude daquilo que é belo e mostra que é exatamente esse finitude que confere mais beleza e valor às artes, à natureza, ao humano e ao mundo.

A escassez de dinheiro ou a correria para a entrega de um trabalho em atraso talvez não sejam tão belas e poéticas, mas são também aquilo que fará com que passemos a dar valor a esses recursos. Daí o foco e a expertise desenvolvida.

Na outra ponta, da abundância, a tendência é relaxar mais nas economias quando se tem muito dinheiro ou deixar para depois quando se tem muito tempo. Até certa monta podemos dizer que, na abundância, o indivíduo tem menos pontos de conexão com a realidade e o princípio da realidade é menos imperativo em detrimento ao prazer e desprazer. Frise-se, apenas até certa monta, posto as desvantagens da escassez, sobre as quais discutiremos neste ensaio.

Não é à toa que metas, prazos e comprometimento junto a outrem são ferramentas do dia a dia de uma organização de trabalho, que precisa garantir a entrega de bens e serviços. De forma mais abrangente, são necessidades da própria civilização.

Fosse uma obra psicanalítica, os autores possivelmente citariam *O mal-estar na civilização* para destacar consequências desagradáveis da vida em sociedade sob escassez.

Por questão de foco, deixaremos de lado esse rico campo de conexões para abordar as complicações decorrentes da escassez na linha seguida pelos autores.

5. Desvantagens da escassez

5.1. O Túnel

A metáfora mais utilizada em *Escassez* para explicar as decorrências advindas da falta de recursos é a da passagem por um túnel: o aparelho psíquico ganha foco para seguir em frente mas perde sua visão periférica do todo.

Por exemplo,

- É muito comum que bombeiros esqueçam de colocar o cinto de segurança ao sair para socorrer uma urgência. Acidentes de trânsito por imprudência são extremamente comuns na categoria e responsáveis por quantidade razoável de fatalidades;
- A necessidade de resolver problemas financeiros urgentes dificulta a preparação para aposentadoria ou para lidar com emergências; O túnel do hoje distância o planejar do amanhã;
- Indivíduos em escassez de laços sociais muitas vezes se preocupam em demasia com a criação destes. Chegam a se comportar de forma afobada no manejo da aproximação com o outro. Deixam involuntariamente em lugar periférico aspectos fundamentais do eu e da construção afetiva. Terminam por ficar mais distantes daquilo que desejam.

A abstração do túnel proposta pelos autores não segue a lógica de uma estrutura de inconsciente em moldes psicanalíticos. Ainda assim um paralelo com a estrutura Pcs/Ics é natural.

Nesse paralelo, a estrutura consciente estaria na parte de dentro do túnel ao qual temos acesso. A estrutura inconsciente estaria fora do túnel e do alcance de nossa visão, porém seguiria determinante.

Esse inconsciente determinante estaria ali no caso daqueles que estejam vivendo sob escassez financeira, de tempo, de laços sociais. Mas também em todo e qualquer psiquismo humano. Mesmo naqueles com uma infinidade de dinheiro, tempo e laços diante de si.

Assim, se faz mais adequado propor *que a escassez de recursos materiais, ao capturar a mente, estreitaria o túnel da consciência, ou então, evocasse um segundo túnel dentro deste.*

5.2. Escolhas difíceis

Escassez também destaca como a falta de recursos nos coloca diante de escolhas difíceis: Do que abrir mão quando o trabalho, o transporte, as tarefas domésticas e o sono deixam disponíveis menos de 1 hora por dia? Permitir-se um lazer com custo acima do orçamento quando se está estressado por dificuldades financeiras? Utilizar as calorias da dieta abrindo mão de quais alimentos?

Essas escolhas difíceis são feitas com pouco espaço para o erro. Quando se tem poucos recursos, todo deslize é custoso – o que faz com que se imponha um peso maior sobre as decisões.

Hipótese sobre frustrações, conflito e sintoma

Frustrações externas

Diante do peso que essas questões adquirem, levanto aqui uma questão na intersecção com a psicanálise: É possível que essas 'escolhas difíceis', de modo geral, envolvam maior supressão de afetos, que vem a retornar depois como sintomas?

Como mencionado, é verdade que todo sintoma também pode ser visto como resultado de uma forma de escassez; a escassez de recursos psíquicos para lidar com o conflito – desejos, frustrações, cargas de afeto.

No entanto, mesmo no que tange a recursos externos ao eu, como tempo e dinheiro, frustrações tem um lugar importante na teoria psicanalítica. Assim, o entendimento do estado da psique sob efeito da escassez de recursos materiais e econômicos também pode ser aprofundado com auxílio da psicanálise.

Freud faz em sua obra uma importante distinção entre frustração externa e interna, que iremos explorar aqui. Antes, é importante fazer a ressalva de que uma frustração externa não se dá apenas nas situações de escassez material, mas também por ocasião de outras faltas – como em um gesto de amor não correspondido ou um trabalho que não agradou a um professor ou cliente.

Também é preciso ponderar que frustrações externas estão presentes aos montes na realidade de qualquer um. Para a psicanálise, o ser humano pode ser visto como um ser desejante. Um ser que deseja muito e está constantemente sendo frustrado em seus desejos.

A formação dos sintomas

Dito isso, para Freud, é uma combinação de frustração externa com uma frustração interna que faz irromper o conflito do neurótico. Isto é, ao se deparar com uma frustração externa, o neurótico busca satisfazer sua libido por outra via interna, mas encontra ali um conflito.

A escassez externa de possibilidades de realizar seus desejos – seja por condições materiais ou não – leva o indivíduo a buscar fontes de prazer no seu próprio universo interno. Porém esse é um universo que já se via em conflito em suas ideias e pulsões. Ali, as características incestuosas do desejo são vistas como uma ameaça ao eu.

Existe então um conflito em relação a essa satisfação e se faz necessária uma solução para este. Como resultado de um acordo entre as partes do conflito, surge então, a saída pelos sintomas neuróticos.

É digno de nota que a frustração que vem da escassez de recurso externo não seria sozinha responsável pelo possível adoecimento. Porém quando combinada a uma frustração interna, ou a uma fixação da libido, abriria caminho para a neurose.

Cabe aqui uma explicação para aqueles que estiverem menos familiarizados com a psicanálise. Frustração interna e fixação da libido são conceitos referentes ao desenvolvimento sexual e suas marcas. Ou seja, a frustração externa encontra internamente uma frustração de caráter sexual.

A frequência e a intensidade do frustrar-se

Mesmo entendendo que frustrações são um imperativo na realidade do humano como ser desejante, é de se esperar que viver sob os tipos de escassez estudadas pelos autores – como tempo e dinheiro - possa implicar em frustrações externas com mais frequência e intensidade; condição que não pode ser ignorada.

Com isso, se coloca em relação aos conceitos mencionados uma importante questão. Se o conflito precisa de frustração externa e interna para irromper, qual monta de responsabilidade por saídas patogênicas recai sobre cada uma delas? O indivíduo adoce por passar por um excesso de frustrações externas ou por já ter uma predisposição interna a um conflito agudo e enrijecido entre o desejo e o eu?

Nem um, nem outro. A resposta passa por combinações variadas. Em sua Conferência XXII, *Os caminhos da formação dos sintomas*, Freud busca dar contornos a essa interação entre frustração externa e interna.

“Em um dos limites da série estão os casos extremos dos quais os senhores poderiam dizer convictamente: essas pessoas, em consequência do singular desenvolvimento de sua libido, teriam adoecido de qualquer maneira.... No outro limite da série, estão os casos que, pelo contrário, os senhores deveriam supor tivessem certamente escapado de adoecer”.

Trata-se, portanto, de enxergar as particularidades de cada contexto e de cada sujeito.

Plasticidade da libido

O que também se coloca aqui é a ideia de plasticidade da libido. Aqueles que tiverem muita rigidez terão dificuldades. A estes, será mais difícil encontrar saídas internas para a carga de libido que se acumula em meio às frustrações impostas pela realidade.

De outro lado, aqueles com uma constituição mais flexível poderão lidar com mais facilidade com situações de escassez, utilizando de recursos como sonhos, chistes e fantasias para dar conta do escasso real.

Importante frisar que isso não quer dizer que um excesso de frustrações externas passará sem sequelas.

Assim, mesmo que Eldar e Sendhil tenham encontrado sensações importantes que permeariam diversos tipos de escassez, a estrutura de cada sujeito ainda será relevante para o modo particular como este será afetado.

Retomando a questão colocada, os autores não chegam a mencionar se essa dinâmica favorece a aparição de sintomas histéricos ou neurótico-obsessivos. Falam, porém, em um esgotamento cognitivo observado em pessoas nas mais diversas situações de escassez.

Portanto, talvez a questão levantada possa ser melhor colocada de modo a propor que: *a falta de recursos externos limita ainda mais o espaço de trabalho dos já escassos recursos psíquicos.*

5.3. Vigília e esgotamento

O esgotamento cognitivo observado por Eldar e Sendhil implica tanto na redução da amplitude de raciocínio como também de ação.

Os autores destacam que a escassez afetará “a capacidade cognitiva, os mecanismos psicológicos subjacentes à nossa capacidade de resolver problemas, reter informações, envolver-se em raciocínio lógico e assim por diante”. Também dificultará o nosso “controle executivo, que sustenta a capacidade de gerenciar nossas atividades cognitivas, incluindo planejamento, atenção, ações de iniciação e inibição e controle de impulsos”.

Observamos nestes trechos que os autores falam claramente de aspectos do estado de vigília. Sob esse prisma, é pertinente e reveladora uma das comparações feitas a título de aproximar do leitor a sensação de escassez mais aguda.

Eldar e Sendhil mencionam pesquisas que revelam resultados inferiores em testes de QI aplicados em situações de escassez na mesma proporção ao resultado de indivíduos com uma noite de sono a menos.

Como não é possível se manter em vigília constante, em uma pessoa com uma noite de sono a menos, é natural que as barreiras repressivas tenham sua força reduzida. Espera-se assim que o inconsciente encontre brechas para se manifestar com mais frequência através de lapsos; e que o movimento regressivo da psique ganhe mais espaço em detrimento do movimento progressivo.

Ainda sobre esse esgotamento observado pelos autores em situações de escassez, é possível fazer um paralelo com os danos que Freud menciona em relação aos sintomas neuróticos. Em sua conferência XXIII ‘Os caminhos da formação dos sintomas’, Freud afirma que:

“Os sintomas são atos prejudiciais, ou, pelo menos, inúteis a vida da pessoa, que por sua vez deles se queixa como sendo indesejados e causadores de desprazer e sofrimento. O principal dano que causam reside no dispêndio mental que acarretam, e no dispêndio adicional que se torna necessário para se lutar contra eles. Onde existe extensa formação de sintomas, esses dois tipos de dispêndio podem resultar em um extraordinário empobrecimento da pessoa no que se refere à energia mental que lhe permanece disponível”

Podemos observar que o que Eldar e Sendhil chamam de esgotamento cognitivo tem muitos pontos de conexão com o que Freud cita como principal dano causado pelos sintomas neuróticos. Isso reforça a nossa hipótese anterior de que frustrações externas decorrentes da escassez de recursos favoreçam a aparição destes.

6. Abundância e Libido

É preciso tomar cuidado, porém, com a ideia de que a abundância de recursos como tempo e dinheiro seria o caminho para um ego que tenha recursos psíquicos suficientes e adequados para lidar com a realidade.

Os autores enxergam no tema da abundância um provável caminho para estudos posteriores, mas, quando destacam as vantagens da escassez, já deixam uma ideia do rumo que pretendem seguir. Mesmo com todas as suas complicações, a escassez chama o indivíduo a dialogar com o real e traz uma organização à libido.

Assim, é de se imaginar que, na abundância extrema, a libido pode chegar a uma desorganização tal que prejudique a rotina e a construção de laços do indivíduo. Talvez aqui, como na escassez, também se observe predominância de um movimento regressivo da psique. Dessa vez não pela fadiga do ego, mas pelo pouco que vem a se exigir dele.

Também vale frisar que, para a psicanálise, se faz importante diferenciar abundância de excesso. Assim, no que tange ao excesso, é interessante retomar a ideia do sintoma como uma saída diante da escassez de recursos para lidar com o conflito. Aqui, uma outra perspectiva para que se enxergue o sintoma, seria a de um excesso, do qual o psiquismo não deu conta.

7. Fluidez

Em busca de sugestões práticas para lidar com a escassez, os autores mostram que eliminar a escassez de recursos com uma única injeção pode não ser o caminho ideal. Tirar férias após uma sobrecarga pode recuperar a produtividade por alguns dias, mas, se a pressão de trabalho é a mesma, a dificuldade de gerenciar o tempo continuará ali.

No campo financeiro, empréstimos a juros baixos ou mesmo doações substantivas podem aliviar uma crise, mas a falta de espaço para imprevistos tende a jogar novamente as pessoas em estado de escassez.

Programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, são elogiados como política de combate à pobreza, à medida que amortecem impactos de forma paulatina e recorrente.

O que se vê nesses exemplos talvez seja consequência daquilo que seria o aspecto econômico da libido na psicanálise. A libido estará constantemente movimentando uma carga; e as condições para que isso não transcorra de forma patogênica envolvem um espaço de fluidez mais constante em detrimento de rápidos respiros.

A capacidade de trânsito dessa libido seria facilitada pelo afrouxamento de um estado de alerta extremo e constante – assim como de suas consequências. Isto facilitaria a atividade do pensamento, o encontro de recursos internos e a propensão a insights, alargando um tanto o estreito túnel da escassez.

De outro lado, respiros eventuais, mesmo que mais substantivos, não dariam conta da constância da movimentação econômica da libido. Provavelmente obedeceriam a tendência de serem consumidos de forma menos paulatina.

Para além das políticas públicas, os autores também sugerem transformar, quando viável, obrigações constantes em ações únicas que automatizem processos. Sob esse prisma se faz mais efetivo, por exemplo, automatizar uma poupança do que transferir dinheiro todo mês para algum investimento financeiro.

Esse tipo de solução é estudado na área como *arquitetura de escolha* e visa pensar o contexto sobre o qual o ser humano toma suas decisões sujeito a suas fragilidades, e por assim dizer, a seus conflitos e seus sintomas.

8. Considerações finais

Ao longo deste breve ensaio pudemos discorrer um pouco sobre a escassez de recursos externos e internos; a frustração decorrente daí; o comprometimento das capacidades progressivas do estado de vigília; e o papel da plasticidade da libido na forma como cada sujeito irá lidar com o contexto.

A individualidade sempre será a lente pela qual enxergo a psicanálise. Falar de escassez é falar de limites, o que naturalmente nos leva à relação do indivíduo com o complexo de castração. Falar de escassez também é falar de falta e, ao lado de toda falta de recursos, existe também uma falta psicológica – aquela que constitui o humano.

Apesar de não se tratar de um texto psicanalítico, *Escassez* abre brechas para uma intertextualidade rica e interessante, já que, para Freud, “as pessoas adoecem devido a frustração”.

Importante ressaltar antes de finalizar, que os autores separam, ao final da obra, a escassez financeira das demais; sob o argumento de que para os demais tipos de escassez pode haver algum alívio financeiramente acessível.

Uma dieta pode ser contornada comprando um produto menos calórico, mesmo que caro. Enquanto da escassez financeira não se tira férias.

Mas, ao longo deste ensaio, mencionamos recursos psíquicos que atenuam a rigidez da psique quando há maior plasticidade da libido, como a fantasia e o sonho. Se de um lado tais recursos podem vir a ficar comprometidos diante da escassez financeira, de outro, não tem um custo efetivamente financeiro.

Estes, portanto, não podem ser abarcados totalmente nesta mesma lógica e talvez venham a ser as “férias” que alguns indivíduos, com uma estrutura psíquica mais flexível, consigam diante desta realidade.

Por fim, também vale olhar por esse prisma o tipo psicanalítico de escassez que propusemos aqui ao mencionar a falta de recursos psíquicos para lidar com conflitos. Nesse caso, cabe pontuar que até é possível pagar financeiramente por uma terapia ou análise, mas que, ainda assim, o inconsciente também não dá trégua.

“O tempo do inconsciente é diferente do tempo cronológico”, Freud, Sigmund

Referência bibliográficas

FREUD, Sigmund. A interpretação dos Sonhos (1900). Edição Imago, 1996. Obras completas de Sigmund Freud Volume 1.

FREUD, Sigmund. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana (1901). Edição Imago, 2006. Obras completas de Sigmund Freud Volume 6.

FREUD, Sigmund. Cinco Lições de Psicanálise (1910). Edição Companhia das Letras, 2013. Obras completas de Sigmund Freud Volume 9.

FREUD, Sigmund. Sobre a transitoriedade (1915).

FREUD, Sigmund. Conferências Introdutórias a psicanálise (1916-1917). Edição Companhia das Letras, 2014. Obras completas de Sigmund Freud Volume 13.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). Edição Companhia das Letras, 2011.

GARCIA-ROZA. Freud e o inconsciente. 24. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

Eldar Shafir e Sendhil Mullainathan. Escassez (2013). Edição Best Business, 2016.